



Evento: XXVII Jornada de Extensão

A "MORTE DA ARTE" NA CONTEMPORANEIDADE. UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA FUNÇÃO SIMBÓLICA DA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA¹

Maicol Kauê Oliveira Laurindo², Dionatan Mânica dos Santos³

¹ Projeto de extensão desenvolvido e financiado pela Unijui;

² Bolsista; Maicol Kauê Oliveira Laurindo estudante do curso de Psicologia; participante do projeto de extensão CADAGY, email: maicol.laurindo@sou.unijui.com.br;

³ Orientador do projeto CIA CADAGY - Corpo em Movimento, Dionatan Mânica, formado em Educação Física pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI.

INTRODUÇÃO

O presente estudo parte da expressão "morte da arte", não como afirmação do desaparecimento da produção artística, mas como uma metáfora para problematizar o possível empobrecimento da experiência artística enquanto espaço de simbolização e elaboração subjetiva. A arte está presente na história da humanidade há milhares de anos, fazendo parte da vida cotidiana, sendo criada e recriada constantemente, como nos diversos movimentos artísticos e culturais, como a era das trevas, o iluminismo, o surrealismo, entre outros espectros.

A arte se transforma junto da humanidade, porém a experiência artística possa estar em declínio. Com o advento das tecnologias e utilização das inteligências artificiais, a arte passa por um processo de transformação em um produto mercantilista. Observa-se que existe uma produção abundante de arte, a qual ainda não se via presenciado em outras eras, esta produção pode estar intimamente relacionada à forma como os sujeitos se relacionam com a arte.

O filósofo Byung Chul Han em seu livro Sociedade do Cansaço (2015) apresenta a tese de que a sociedade contemporânea é marcada pela aceleração da vida cotidiana, pela lógica do desempenho, pela intensificação do consumo e pela crescente mercantilização das experiências humanas. Nesse contexto, é possível perceber que esses processos alcançam as mais diversas áreas do fazer humano, sendo a produção artística uma destas.



Sob a perspectiva da Psicanálise, Sigmund Freud (1930) e Jacques Lacan (1960), apresentam em seus escritos que a arte ocupa um lugar privilegiado na cultura por possibilitar processos de sublimação e simbolização, constituindo uma das formas pelas quais o sujeito pode elaborar conflitos, desejos e questões quanto ao sofrimento inerente à existência. Entretanto, diante das transformações socioculturais contemporâneas, é importante revisitar e investigar se a experiência artística continua exercendo essa função ou se seu lugar na economia psíquica do sujeito vem sendo reconfigurado.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza teórica, fundamentada na pesquisa bibliográfica e na análise conceitual. O estudo será desenvolvido por meio da leitura e análise crítica de obras clássicas da Psicanálise e de autores que discutem a cultura contemporânea e a função da arte. A metodologia adotada baseia-se na pesquisa bibliográfica, compreendida por Fonseca (2022) como um procedimento de investigação realizado a partir da consulta e análise de livros, artigos científicos, dissertações, teses e periódicos especializados, que fornecem o embasamento teórico para o desenvolvimento da pesquisa. Como complemento à contextualização do campo artístico, realizou-se ainda uma consulta técnica com o coordenador da Companhia Cadagy, sem constituir fonte de dados empíricos para o estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao falar sobre arte deve-se primeiro entender o lugar da arte na vida humana, essa sendo uma representante do destino da energia psíquica do sujeito. Sigmund Freud (1915) ao desenvolver o conceito de pulsão, demonstra que a psiquê é marcada por forças que buscam satisfação, podendo assumir diferentes destinos. Entre esses destinos encontra-se a sublimação, entendida como o redirecionamento da energia pulsional para atividades socialmente valorizadas, como a arte, a ciência e a produção cultural. A sublimação não elimina a pulsão, tampouco representa uma adaptação moral do sujeito, mas constitui uma forma singular de elaboração dos conflitos psíquicos. Com isso é importante dizer



notadamente que Freud não estava falando de uma “Arte Curativa”, mas sim de um destino dessa pulsão, um local para onde se desloca-se essa energia.

Essa perspectiva é aprofundada no texto “Escritores criativos e devaneio” (FREUD, 1908), no qual a criação artística é compreendida como uma continuação das atividades do imaginário presentes na infância, possibilitando ao artista transformar fantasias e desejos inconscientes em produções que poderiam ser dispostas socialmente. Posteriormente, em “O mal-estar na cultura” (FREUD, 1930), a arte é apresentada como uma das formas pelas quais o sujeito encontra satisfação substitutiva diante das renúncias impostas pela vida em sociedade, evidenciando sua importância na constituição da cultura e na elaboração do sofrimento psíquico.

A teoria lacaniana amplia essa discussão ao deslocar o foco da arte enquanto produto para a experiência subjetiva que ela possibilita. Em “O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise”, Lacan (1959–1960) retoma o conceito freudiano de sublimação e afirma que a obra de arte não elimina o vazio constitutivo do sujeito, mas organiza formas de circunscrevê-lo por meio da linguagem e da criação simbólica. A arte, nesse sentido, não preenche a falta, mas estabelece uma relação singular com aquilo que Lacan denomina como “*das Ding*” (A Coisa), permitindo ao sujeito aproximar-se do Real sem reduzi-lo à representação completa.

Em “Sociedade do Cansaço” (HAN, 2015), o autor argumenta que a sociedade disciplinar descrita por Michel Foucault cede lugar à sociedade do desempenho, na qual o sujeito deixa de ser predominantemente coagido por forças externas e passa a explorar a si mesmo em busca de produtividade, eficiência e desempenho contínuos. Essa lógica produz novas modalidades de sofrimento psíquico, marcadas pelo esgotamento, pela ansiedade e pela incapacidade de experimentar tempos de contemplação e elaboração.

Complementarmente, em “A Salvação do Belo” (2019), Han analisa as transformações da experiência estética na contemporaneidade, argumentando que a predominância da positividade, da transparência e da busca incessante pelo consumo reduz o espaço da alteridade e da negatividade, elementos fundamentais para a experiência artística.



A estética contemporânea tende a privilegiar o imediato, o agradável e o consumível, empobrecendo experiências capazes de provocar estranhamento, reflexão e transformação subjetiva. Logo a “morte da arte” se apresenta dessa forma, um esvaziamento da experiência artística. A arte não vem no sentido de provocar o sujeito a um novo pensamento, a uma nova direção, a arte deixa de ser sublime e passa a ser lisa, portanto ela é bela, mas não transporta o sujeito para lugar nenhum, não permite a contemplação, não tem negatividade, ela se torna um instrumento de gozo de quem a cria e de quem experimenta dessa arte.

Nessa relação de instrumento de gozo de uma arte lisa, com foco no belo, sem falhas ou comercial, que se estabelece um possível diálogo entre Psicanálise e crítica da cultura. Se, para Freud (1930), a arte constitui uma das formas privilegiadas de sublimação, e, para Lacan (1959–1960), ela possibilita operações simbólicas diante do Real, Han (2015; 2019) evidencia que a cultura contemporânea modifica profundamente as condições em que essas experiências se realizam. Dessa articulação emerge a hipótese central desta pesquisa: embora a arte continue presente na sociedade contemporânea, sua função simbólica pode estar sendo reconfigurada ou transformada pelas lógicas do desempenho, do consumo e da aceleração.

Partindo da compreensão de que a simples existência de uma obra de arte não garante a ocorrência de uma experiência artística significativa. Essa experiência depende da implicação subjetiva do indivíduo no desenvolvimento e na contemplação desta arte. É nesse movimento que a pesquisa propõe, como hipótese teórica, compreender a experiência artística como um possível dispositivo de deslocamento subjetivo, entendido como um processo em que o sujeito suspende provisoriamente formas habituais de organização psíquica e produz novas articulações entre desejo, simbolização e elaboração do sofrimento.

Portanto o termo “morte da arte” seria uma forma de explicitar como o esvaziamento do sentido da arte, a estética do liso, a hiperinflação do belo e a produção exorbitante, consumista de arte, faz com que o sujeito deixe de se haver com aquilo que produz, deixe de interpretar a arte e assim perca um dos possíveis dispositivos de deslocamento subjetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este estudo parte da compreensão de que a questão central da contemporaneidade não consiste na ausência da arte, mas na transformação da relação que os sujeitos estabelecem com ela. Portanto, se busca compreender como as mudanças culturais repercutem sobre os processos de simbolização e sublimação.

A experiência artística permanece relevante para a constituição subjetiva, embora seu lugar na cultura contemporânea esteja sendo reconfigurado por novas formas de produção, circulação e consumo. Como contribuição teórica, é possível discutir a hipótese de que a experiência artística, quando marcada pela implicação subjetiva, pode operar como um dispositivo de deslocamento subjetivo, favorecendo processos de elaboração psíquica e novas formas de relação do sujeito com o desejo, com a linguagem e com a cultura.

Portanto a experiência artística quando existe a implicação do sujeito, permite novas construções e reconstruções da realidade, tirando o sujeito do seu eixo matricial, produzindo novos pensamentos e reflexões acerca da sua realidade.

Palavras-chave: Arte. Psicanálise. Cultura. Contemporaneidade. Sublimação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila; p 31.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. 1908. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. 1996.

HAN, Byung-Chul. A salvação do belo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.